

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
DE SE TIRAR O CHAPÉU
03 de agosto de 2022

THE THOMAS CROWN AFFAIR / 1999

(O Caso Thomas Crown)

Um filme de John McTiernan

Realização: John McTiernan / **Argumento:** Leslie Dixon, Kurt Wimmer, segundo uma história de Alan Trustman / **Fotografia:** Tom Priestley Jr./ **Direcção Artística:** Bruno Rubeo / **Montagem:** John Wright / **Figurinos:** Kate Harrington / **Música:** Bill Conti/ **Intérpretes:** Pierce Brosnan (Thomas Crown), Rene Russo (Catherine Olds Banning), Denis Leary (Detective Michael McCann), Ben Gazzara (Andrew Wallace), Frankie Faison (detective Piretti), Fritz Weaver (John Reynolds), Charles Keating (Friedrich Golchan), Mark Margolis (Heinrich Knutzhorn), Faye Dunaway (a psiquiatra), Michael Lombard (Robert "Bobby" McKinley), Esther Cañadas (Anna Knudsen/Anna Knutzhorn).

Produção: Pierce Brosnan, Beau St. Clair / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, 35mm, colorida, legendada em português / **Duração:** 113 minutos / **Estreia Mundial:** 13 de Agosto de 1999 / **Estreia em Portugal:** 20 de Agosto de 1999.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos.

O "remake" foi durante muito tempo uma forma de "refazer" antigos sucessos segundo novas técnicas, explorando tanto o interesse do espectador pela história que lhe ficara na memória como a curiosidade de ver aplicadas fórmulas novas e caras novas nas mesmas personagens. Raras vezes (contam-se pelos dedos de uma mão, e ainda sobram!) esses "remakes" foram "melhores" do que os originais para os olhos que as descobriam. O mudo deu lugar ao som, a cor ao preto e branco, o scope ao ecrã "normal". Ou então aproveitava-se a desapareição da censura para "mostrar" aquilo que nos originais se era forçado a "sugerir". O "remake", hoje, continua a apoiar-se nas mesmas intenções (a sofisticação dos efeitos digitais e da violência visual, etc.) é já de outra ordem, principalmente desde que entrou em cena a geração dos "movie brats" (Spielberg, Scorsese, Coppola, De Palma, etc). O "remake" agora tem um novo pretexto: a cinefilia, uma paixão pela obra original por parte de um realizador. Não é necessariamente um campeão de bilheteira. Pode ser, apenas, um filme de "culto" (**Detour**, de Edgar G. Ulmer, por exemplo). Se juntar o "culto" ao sucesso tanto melhor.

The Thomas Crown Affair é um desses trabalhos, que outro cineasta cinéfilo (John McTiernan) fez a partir de um sucesso de bilheteira de 1968 realizado por Norman Jewison, **The Thomas Crown Affair/O Grande Mestre do Crime**, transformado também em filme de "culto" devido a dois factores: a alquimia perfeita que resultou do par romântico formado por Steve McQueen e Faye Dunaway e a canção de Michel Legrand "The Windmills of Your Mind".

Diga-se, desde já, que McTiernan se afasta progressivamente do original para seguir um caminho muito próprio, mas sem esquecer as coordenadas originais, nem de fazer as suas homenagens à obra primitiva. Neste caso, destaquem-se a presença de Faye Dunaway, na

figura da psiquiatra que Thomas Crown consulta e que por vezes comenta a situação e o seu desenvolvimento (que se trata de uma homenagem verifica-se pelo facto da personagem ser, mais ou menos, um excedente sem qualquer papel significativo na história), e a utilização por Bill Conti da referida melodia original (que conquistou o Óscar em 1968) na sequência do passeio aéreo de Thomas e Catherine. Mas no que diz respeito a tudo o resto, **The Thomas Crown Affair** é bem superior ao original, e um filme de McTiernan, sendo mesmo um dos melhores do autor de **The Last Action Hero**, que chega mesma a auto-citar-se e com significativa ironia. Assim, por exemplo, a sequência inicial é, em grande parte, uma citação paródica dos seus filmes de acção, em particular o primeiro **Die Hard/Assalto ao Arranha-Céus**. O assalto perpetrado por um grupo de mal-encarados estrangeiros (esta é, aliás, também uma das características dos filmes de McTiernan, o seu chauvinismo bem americano, herdado de um dos seus modelos, Howard Hawks), a partir da utilização de um "cavalo de Tróia" (que neste caso é "mesmo" uma estátua de cavalo!), montado paralelamente com a "passagem" de Thomas Crown pelo museu. O assalto "fracassa" para os presumíveis assaltantes que mais não foram do que "carne para canhão" para Crown conseguir, por seu lado, levar a cabo a operação.

O filme comporta, deste modo, duas sequências que são complementares e lhe servem de baliza. A que referimos e a que o conclui, com nova operação, desta vez destinada a repor o quadro. Mas não só. Desta vez, algo mais está em jogo, e não apenas a simples prova do seu engenho em enganar os adversários (que para Crown não é mais do que uma "continuação" dos métodos de negócios, noutra campo: repare-se como Crown leva a melhor na operação de venda em que o encontramos com outros financeiros do mesmo gabarito). Agora Crown tem não apenas de iludir os outros mas também conquistar definitivamente a mulher que ama. É entre estas duas sequências que a verdadeira história tem lugar: uma história de sedução e conquista da mulher amada, com armas "iguais" em todos os campos. É nesta característica que encontramos a influência maior de McTiernan, a do já referido Howard Hawks, fazendo da relação entre homem e mulher um verdadeiro "confronto". O filme anterior de McTiernan em que isto é mais evidente é **Medicine Man/Os Últimos Dias do Paraíso** (1992), também com Rene Russo ao lado de Sean Connery. A relação entre Thomas e Catherine desenvolve-se como um jogo de "enganos" em que o que está em causa não é "iludir" o outro, mas antes, pelo contrário, conquistá-lo para o seu lado. Uma conquista que não se faz pela "cedência" do outro, mas antes por uma mútua aceitação e reconhecimento, vencendo a desconfiança. Esta, como em Hawks, localiza-se numa das personagens (o homem nos filmes de Hawks: John Wayne em relação a Angie Dickinson em **Rio Bravo**, na mulher em McTiernan: é Thomas que, no fim de contas, se entrega desde o começo, sendo o desenvolvimento do filme a sua luta para convencer Catherine da sua sinceridade) sendo o trabalho da outra a de vencer essa barreira. Por isso, tal como os filmes de Hawks, também o que está na base deste **The Thomas Crown Affair** é uma história de amor, uma guerra de sexos que termina pelo reconhecimento de cada um, em pé de igualdade. Só assim o amor pode ser autêntico.

Manuel Cintra Ferreira